

OBSERVAÇÕES PRELIMINARES SOBRE OS ARCOS BRANQUIAIS DE SARDINHAS DO GÊNERO *HARENGULA* VALENCIENNES 1847 (CLUPEIFORMES, CLUPEIDAE) DO ATLÂNTICO SUL OCIDENTAL.

Juliana Oliveira Góes¹
Lorena Soares Agostinho²
Sérgio Maia Queiroz Lima³
Liana de Figueiredo Mendes⁴
Fabio Di Dario⁵

RESUMO

Harengula Valenciennes 1847 é um gênero composto por peixes pequenos, pelágicos, zooplânctívoros e formadores de cardumes, popularmente conhecidos como sardinhas-cascudas. Duas espécies, *H. clupeola* e *H. jaguana*, são reportadas para o Atlântico Sul ocidental, mas estudos moleculares indicam que a linhagem do Brasil é distinta e possivelmente endêmica. Também existem evidências de isolamento da população do Arquipélago de Fernando de Noronha em relação à costa. Nesse estudo, estamos analisando a anatomia dos arcos branquiais de exemplares de *Harengula* do Atlântico Sul ocidental, fornecendo subsídios para uma melhor caracterização taxonômica de *Harengula* sp.. Exemplares estão sendo diafanizados e corados, com os arcos removidos para a visualização dos componentes esqueléticos. Resultados preliminares indicam que o número de rastros no ramo inferior do primeiro arco branquial varia entre 30 e 40, com os rastros estendendo-se até a porção posterior do basiial, que é desenvolvido e cartilaginoso. Uma placa dentígera desenvolvida está associada ao basiial, seguida por outra placa também desenvolvida que recobre os basibranchiais 1 e 2 e parte do basibranchial 3. A dentição associada a estas placas é abundante, composta por dentes curtos e de tamanho regular. A região mais anterior da placa dos basibranchiais é expandida lateralmente, recobrando a extremidade anterior do primeiro par de hipobranchiais. Uma constrição mais proeminente separa o corpo principal

¹Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Ciências Ambientais e Conservação - Instituto de Biodiversidade e Sustentabilidade, Universidade Federal do Rio de Janeiro (NUPEM/UFRJ), bio.julianagoes@gmail.com;

²Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Ecologia - Centro de Biociências, Universidade Federal do Rio Grande do Norte (CB-UFRN), lorenabiosoaes@gmail.com;

³Professor Associado, Departamento de Botânica e Zoologia - Centro de Biociências, Universidade Federal do Rio Grande do Norte (DBEZ- UFRN), sergio.lima@ufrn.br;

⁴Professora Associada, Departamento de Botânica e Zoologia - Centro de Biociências, Universidade Federal do Rio Grande do Norte (DBEZ- UFRN), lianaoceanica@gmail.com;

⁵Professor Associado, Instituto de Biodiversidade e Sustentabilidade, Universidade Federal do Rio de Janeiro (NUPEM/UFRJ), didario@gmail.com.

desta placa em relação à sua expansão anterior nos exemplares de Fernando de Noronha. Além disso, também nos exemplares de Fernando de Noronha, as margens laterais da região expandida desta placa convergem anteriormente, resultando em uma estrutura cujo contorno é semelhante ao de uma taça em vista dorsal. Nos exemplares da costa estas margens laterais são aproximadamente paralelas entre si ou gradualmente divergem anteriormente. Diferenças nos arcos branquiais podem refletir adaptações destas sardinhas aos ambientes das ilhas oceânicas e costeiro, mas observações adicionais são ainda necessárias.

Palavras-chave: Clupeomorpha, Conservação, Ilhas oceânicas, Morfologia, Taxonomia.